DOI: 10.5418/RA2016.1218.0007

PLURALIDADE E MULTIDIMENSIONALIDADEDO SUJEITO E DE SUAS ESPACIALIDADES:DESAFIOS EPISTEMOLÓGICO NA ANÁLISE GEOGRÁFICA

Plurality and multidimensionality of social subjects and their spatialities: epistemological challenges in geographical analysis

Pluralidad y multidimensionalidad del sujeto y sus espacialidades: desafíos epistemológicos para el análisis geográfico

Cicilian Luiza Löwen Sahr

Doutorado em Geografia pela Universität Tübingen (Alemanha); Docente dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Rua Saint Hilaire 79, apto. 33. 84.035-350 - Ponta Grossa-PR.
E-mail: cicilian@uol.com.br

Catia Antonia da Silva

Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Docente Associado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Rua Dr. Mario Viana 277, apto 502. 24.241-000 - Niteroi-RJ.
E-mail: catia.antonia@gmail.com

Guiomar Inez Germani

Doutorado em Geografia pela Universidad de Barcelona (UB) – Espanha; Docente no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA);Rua Almirante Barroso 213, apto. 403 - Rio Vermelho. 41.950-350 - Salvador-BA; E-mail: guio_ufba@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo analisao debate empreendido no Grupo de Trabalho "Espaço, Cultura e Diferença: As dimensões étnicas, sociais e ambientais e suas significações"do Enanpege, realizado em 2015 em Presidente Prudente (SP). O desafio a que o grupo se propõe refere-se à compreensão de sujeitos definidos a partir de diferenças étnicas e de classe, os quais produzem espacialidades distintas, em geral, em contextos ambientais e sociais diversos. Tal desafio se inscreve no reconhecimento da pluralidade e multidimensionalidade do sujeito, bem como, de seus lugares e territórios. São analisados grupos indígenas, quilombolas, negros, pescadores artesanais, migrantes, camponeses, dentre outros segmentos socialmente discriminados e vulneráveis. Espacialidades diferenciadas e desiguaistambém refletem, por vezes, formas de segregação, estasproduzidas a partir de injustiças e da negação de direitos.

Palavras chave: Sujeito, Pluralidade, ***multidimensionalidade,*** , Espacialidade.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

ABSTRACT

The present article reports the debate of the Working Group session "Space, Culture, and Difference: its ethnic, social and environmental dimensions and meanings" of the 2015 ENANPEGE congress at PresidentePrudente (São Paulo). The workshop has targeted to better understand social subjects that are marked by ethnic and class differences, which in turn are producing varied spatialities in different environmental and social contexts. It promotes the respect for plurality and multidimensionality, as well as for places and territorialities. The research subjects have been indigenous groups, quilombolas, blacks, artisanal fishermen, migrants, campesinos, among other discriminated and vulnerable segments of the society. Differentiated and unequal spatialities also reflect, in many cases, forms of segregation that are produced by injustice and the negation of civil rights.

Keywords: Subject, Plurality, Multidimensionality, Spatiality

RESUMEN

El presente artículo analiza el debate emprendido en el Grupo de trabajo "Espacio, Cultura y Diferencias: Las dimensiones ambientales, étnicas, sociales y sus significados" del Enanpege, celebrado en 2015 en Presidente Prudente (São Paulo). El desafío que propone el grupo se refiere a la comprensión de sujetos definidos por las diferencias étnicas y de clase, que producen distintas espacialidades en varios contextos ambientales y sociales. Este desafío se inscribe en el reconocimiento de la diversidad y la multidimensionalidad del sujeto y de sus lugares y territorios. Se analizan los grupos indígenas, quilombolas, negros, pescadores, migrantes, agricultores, entre otros segmentos socialmente vulnerables y discriminados. Las espacialidades diferenciadas y desiguales también reflejan, en ocasiones, las formas de segregación, producto de las injusticias y negación de los derechos.

Palabras clave: Sujeto, Pluralidad, Multidimensionalidad, Espacialidad.

INTRODUÇÃO

OGrupo de Trabalho (GT)"Espaço, Cultura e Diferença: As dimensões étnicas, sociais e ambientais e suas significações"foi criado em 2011 para o IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Enanpege) realizado em Goiânia, mantendo-se até os dias atuais.Nele, buscou-se agregar estudos geográficos apoiados em levantamentos bibliográficos e documentais e/ou em trabalhos de campo, que fazem a intersecção entre variáveis étnicas e de classe; assim como estudos que abordem as expressões culturais, espirituais, sociais e ambientais desses grupos.

No XI Enanpege, realizado em 2015 em Presidente Prudente (SP), todos os vinte e oito trabalhos inscritos são produtos de teses e dissertações já concluídas ou ainda em andamento. Trata-se de resultados de pesquisa vinculados a projetos institucionais ou

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

não que tem como produtos associados mapeamentos e cartografias sociais, produção de vídeos/sons/imagens e laudos antropológicos.

Desse modo, o presente artigo tem como finalidade analisar os resultados das discussões realizadas no âmbito deste GT, buscando identificar de que forma a compreensão dos sujeitos plurais e da reafirmação do etnoconhecimentocontribui para o fazer geográfico do século XXI. Período este marcado por mudanças na teoria social crítica,caracterizado por intensos processos de modernização que transformam aceleradamente o espaço, bem como,assinalado pela luta social de reconhecimento do direito à diferença.

A Geografia, como campo científico, necessita enfrentar novas reflexões epistemológicas no que se refere à compreensão das escalas da ação desses sujeitos e das escalas de ações das empresas e do Estado. A tradição geográfica de estudar os grandes agentes (Estado, empresas, capital) transformadores do espaço, com base nas abordagens de macroanálise, não será abandonada. No entanto, se reconhece a necessidade de se acrescentar amicroanálise, ou seja, trazer à centralidade o espaço construído pelos "homens lentos", no sentido de Milton Santos (1996), com suas racionalidades, temporalidades e geograficidades.É possível se compreender o mundo também a partir do lugar. Desse modo, a produção do espaço pelo sujeito e as intervenções dos agentes hegemônicosnestes precisam ser compreendidas por meio de métodos e técnicas que admitam compreender o sujeito, suas táticas e estratégias, seus contextos e suas conjunturas, suas narrativas e seus discursos.

Neste sentido, o presente artigo divide-se em duas seções: a primeira apresenta os novos desafios epistemológicos contemporâneos na inserção do sujeito na análise geográfica. A segunda reflete sobre o Sujeito no pensar e fazer geográfico da Pós-Graduação em Geografia do Brasil.

DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS NA INSERÇÃO DO SUJEITO NA ANÁLISE GEOGRÁFICA

A pesquisa nasce e se renova a partir das reflexões sobre as demandas sociais e territoriais inscritas no tempo presente. Deste modo, também a proposta do GT nasce da busca epistemológica e metodológica por novas formas de abordagens construídas na relação teórico-prática do fazer extensionista universitário.

A reafirmação de etnoconhecimentos, saberes locais e de regionalismos desvendam resistências ao processo de homogeneização cultural (ROBERTSON, 2002), que se revelam em trajetórias espaciais de indivíduos e coletividades marcadas por significações advindas de pertencimentos também ligados à diferença. Nesse processo, não raro, políticas públicas focalizadas se combinam a outras ditas universais e provocam impactos nos territórios e nas comunidades.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Assim, busca-se avançar sem perder de vista as contribuições das teorias críticas, como o marxismo, que tanto marcam a história do pensamento geográfico na compreensão de narrativas que analisam a totalidade, seja nos âmbitos das análises espaciais sobre o capitalismo, seja sobre a compreensão das escalas nacionais e da globalização (GERMANI, 2010; M. SANTOS, 1996).

Do ponto cronológico daapreensão do tempo, não objetivamos perder de vista o tempo de longa duração, as análises de conjuntura e o tempo da contemporaneidade (CARDOSO e VAINFAS, 1997). Mas, não buscamos um sujeito genérico e abstrato, tantas vezes presentes na figura do indivíduo ou do agente e/ou na figura do trabalhador/operário.Queremos, todavia, acrescentar na análise o tempo lento da vida coletiva, o tempo do cotidiano das vidas sociais e individual (CERTEAU, 2009).

Trabalhar com a complexidade ao reconhecer a importância da objetividade do conhecimento, sem perder de vista as formas subjetivas da produção social do espaço, é um grande desafio epistemológico. Como se realiza essa análise? Qual o seu ponto de partida?

Trabalhar com sujeitos sociais corporificados traz para a análise duas propostas metodológicas:1.Iniciar a análise pelos processos inscritos nas escalas nacionais, regionais ou globais e identificar como esses processos, sujeitos e normas passam a interferir na vida coletiva e individual dos sujeitos sociais (GERMANI, 2003, 2010);2.Partir da história dos lugares, das narrativas dos sujeitos, das memórias coletivas e individuais dos sujeitos, compreendendo seus "sítios" no sentido já exposto pelo economista marroquinoZaoual (2006), como o lugar do pertencimento e da identidade, o que dá sentido a compreensão de "comunidades" na análise antropológica e/ou sociológica (GEERTZ, 1973, HARVEY, 1996). As duas propostasremetem a inclusão dos vínculos sociais e da territorialidade/ espacialidade dos sujeitos (LÖWEN SAHR, 2011, GERMANI, 2003, C. SILVA, 2014).

A proposta de valorizar a análise dos "sítios" (ZAOUAL, 2006), tomando estes como sinônimo de economias locais, encontra afirmação na análise de Ribeiro (2006, 2005), que reconhece tal abordagem como portadora de uma nova *episteme*, por sua "natureza relacional, dialógica, transdisciplinar e aberta – exigindo investimentos em metodologia e conceitos" (RIBEIRO, 2006, p.10 no prefácio do livro de Zaoual, 2006).

Sobre a necessidade de um novo fazer científico, afirma Zoaual:

> Na abordagem dos sítios, o "espaço pensado" deve corresponder ao espaço em que os homens acreditam e vivem. Essa exigência pressupõe, por si só, o abandono do recorte tradicional das ciências sociais e uma orientação conceitual muito mais flexível e voltada para os "imaginários de situação". É uma maneira de repensar os "lugares" em sua especificidade, levando em conta os sistemas de representação dos atores. Tais como descrito em nossa abordagem, os

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

> sítios não são espaços geométrico-euclidianos e vazios de sentido. Não são aqueles "não-lugares" semelhantes a grandes estações ferroviárias ou a supermercados de megamáquina da sociedade econômica; também não são semelhantes aos sítios virtuais da internet mesmo que esses últimos corroborem, no mundo do artificial, a necessidade de sítios para os humanos (ZOAUAL, 2006, p. 31 e 32).

O diálogo interdisciplinar busca compreender os "sítios" como possibilidades locais em que o cotidiano praticado envolve multiplicidades de relações em que se constrói a economia local. Esta análise faz lembrar os estudos de Michel de Certeau (2009) sobre as trajetórias do homem ordinário, identificando seu cotidiano praticado no contexto das cidades, semelhanteà compreensão do espaço banal, espaço de abrigo e homens lentos, de Milton Santos (1994, 1996) queanalisao contexto, por exemplo,das metrópoles como lugar de abrigo dos mais pobres.

Confirmar essa abordagem requer atenção aos procedimentos metodológicos do fazer científico. Novas metodologia e práticas extensionistas de pesquisaremetem atenção a exercícios de trabalhos de campo que incorporem os sentidos das ações dos sujeitos, compreendendo os sentidos das suas ações e seus universos simbólicos, suas fronteiras sociais, seus problemas, bem como seus desideratos (C. SILVA, 2014). Uma ciência sensível é aquela que problematiza as existências sociais na construção da vida coletiva. Por isso, foge das estatísticas reducionistas o buscar compreender as dinâmicas locais, não como ação do Estado que muitas vezes nega a totalidade desses existencialismos locais.

À luz da abordagem da compreensão dos "sítios" de Zoaual (2006), o objetivo dessa nova abordagem, defendida pelo GT, é apresentar um leque de novas formas de ler o espaço. Reconhece-se os limites e potencialidades da abordagem no diálogo com as referências conceituais que nos ajudam a compor o debate, relacionando sujeitos, espaço geográfico, lugar e cotidiano (MASSEY, 2009). Não se quer perder de vista, entretanto, a relação desses sujeitos com a economia política, a questão ambiental, as formas de ação do Estado e o território, que são ferramentasepistemológicas, conceituais, teóricas e metodológicas atuais para compreender a geografia do tempo presente.

Articular as escalas do global ao local, quando relacionadas com a análise do cotidiano e da arte do fazer dos "sítios", contribui para a análise da espacialidade dos sujeitos coletivos, isso porque permite compreender as relações entre a sociedade e o Estado que interferem nas forças produtivas do circuito econômico espacial e identificam sua relação (M. SANTOS, 1994).

O conceito de território é categoria analítica que permite identificar a totalidade como dialética socioespacial, conforme ensinam Haesbaert (2006), M. Santos (2000) e Ribeiro (2001), com base na identificação dos conflitos causados pelas grandes corporações e pelo

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Estado ao espaço coletivo e à história dos lugares. Trata-se do enfrentamento cotidiano de ações entre diversos agentes que compartilham o mesmo espaço geográfico.

O espaço geográfico consiste na diversidade de tipos de atividades econômicas, de ações estatais e de disputas de projetos, em que coabitam racionalidades dominantes e racionalidades não hegemônicas (M. SANTOS, 1994, 1979; RIBEIRO, 2005; CERTEAU 2009). Nas décadas de 2000, com o advento de novas modernizações, o territóriocomo categoria de poder e a de espaço banal como lugar da existência do sujeito são assumidos como referências complexas, contribuindo na compreensão e análise da totalidade, ou seja, reconhecer os usos do espaço, bem como os conflitos e formas de cooperação inscritas por estes usos (M. SANTOS,2000,1994).

Aliado à compreensão da produção social do espaço, com desideratos e ações de múltiplos agentes, se reconhece o duplo papel do Estado, da sociedade, da economia, da cultura e da política, bem como das leituras sobre o conceito de natureza e ambiente.Todos se tornam elementos fundamentais de compreensão da totalidade e da complexidade (MORIN,2005).

Ainda no campo da *episteme*, Castro (1992) aponta para a importância da escala geográfica, pois é ela que vai priorizar a dimensão do problema a ser estudado. Por isso, a escala não se constrói*a priori*, mas na análise das questões e das problematizações do tema e do objeto de estudo. Este é um princípio da *episteme* e método com base na dialética e na dialógica (RIBEIRO, 2006). O novo dessa *episteme* é a incorporação do sujeito que fala. Esse sujeito que fala é mais do que o pesquisador falar sobre o sujeito. As narrativas, a pesquisa-ação, a história oral, os estágios de vivência, a cartografia da ação social, as cartografias sociais eos grupos focais são algumas das possibilidades de técnicas que incorporam as falas dos sujeitos e, por conseguinte, o sentido da ação dos sujeitos (um dos elementos mais difíceis do exercício da investigação).

Nessa perspectiva de método, sobre a compreensão do espaço geográfico, sugerimos oremeteimentoa uma mudança metodológica que tenda a reduzir a ênfase somente aos dados estatísticos e aos levantados de fontes secundárias, fortalecendo a produçãode fontes primárias a partir de cartografias da ação social dos sujeitos, levantamentos audiovisuais e iconográficos, transcrição de depoimentos, registros de memórias e narrativas. O novo para o fazer geográfico é o cruzamento dos dados primários e secundários, é o cruzamento das diferentes escalas geográficas e temporais (história de grandes processos, história social - vida coletiva, história individual).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Partindo desses pressupostos que nos movem em direção à proposição, serãoapresentados a seguir os principaisdiscussões em torno trabalhos selecionados para compor o GT.

O SUJEITO NO PENSAR E FAZER GEOGRÁFICO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO BRASIL

Considerando os 28 trabalhos selecionados para compor a discussão do GT "Espaço, Cultura e Diferença: As dimensões étnicas, sociais e ambientais e suas significações" no Enanpege de 2015 como uma amostra qualitativa do pensar e fazer geográfico da Pós-Graduação em Geografia do Brasil, as reflexões desta seção neles se apoiam. Trata-se de 13 trabalhos derivados de Teses de Doutorado (5 concluídas e 8 em andamento) e 15 de Dissertação de Mestrado (3 concluídas e 12 em andamento).

A representatividade desta seleção no conjunto dos Programas de Pós-Graduação em Geografia filiados a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege) permite ser avaliada no Quadro 01. Dos 53 Programas filiados a Anpege na ocasião, 19 (36%) se fizeram representar com pelo menos um trabalho em nosso GT. A rede do GT foi acionada por23 pesquisadores integrados à Pós-Graduação brasileira que vem se preocupando com as questões propostas pelo GT, preocupação esta demonstrada pelas Teses e Dissertações orientadas pelos mesmos dentro da ciência geográfica.

Quadro 01 - Orientadores dos Programas de Pós-Graduação em Geografia representados por seus orientados nas discussões do GT

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO (SIGLA)	ORIENTADOR
Sudeste	São Paulo	UNESP-PP	Marcos Aurelio SAQUET
		UNESP-RC	Bernadete Ap. Caprioglio de CASTRO Luciene Cristina RISO
		UNICAMP	Vicente Eudes Lemos ALVES
		USP-GH	Heinz Dieter HEIDEMAN
	Rio de Janeiro	PUC-Rio	João RUA
		UERJ	CatiaAntonia da SILVA Glaucio José MARAFON
		UFF	Ester LIMONAD
	Minas Gerais	PUC-Minas	Luiz Eduardo Panisset TRAVASSOS
		UFJF	Leonardo de Oliveira CARNEIRO
		UNIMONTES	Sandra Célia Muniz MAGALHÃES

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO (SIGLA)	ORIENTADOR
Sul	Paraná	UFPR	Cicilian Luiza LÖWEN SAHR
		UEPG	Cicilian Luiza LÖWEN SAHR
	Rio Grande do Sul	UFRGS	Dirce Maria Antunes SUERTEGARAY
Nordeste	Bahia	UFBA	Guiomar Inez GERMANI AntonioPuentes TORRES
		UFFS	Acácia Batista DIAS
Centro Oeste	Goiás	UFG	Alecsandro J. Prudêncio RATTS
		UFG-Catalão	William Rodriges FERREIRA
	Mato Grosso do Sul	UFGD	Jones Dari GOETTERT Marco Leandro MONDARDO
Norte	Pará	UFPA	Cristina do Socorro F. de SENNA Christian Nunes da SILVA

Fonte: *Enanpege, 2015.*

Quando se avalia os sujeitos pesquisados, bem como seus contextos espaciais, é na Região Norte onde se concentra boa parte deles(Quadro 02), seguida das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro Oeste. A discussão giraem torno, predominantemente,de grupos compostos por Indígenas (Ex. MARCOS, 2015), Quilombolas (Ex. PINHEIRO, 2015), Pescadores (Ex. ALVES, 2015), Faxinalenses (W. SILVA e FÖETSCH),Veredeiros (MENDONÇA e MAGALHÃES, 2015), Caiçaras (J. SILVA e CASTRO, 2015) e Ribeirinhos (MATOS e LIMA, 2015). Algumas vezes há o estudo de mais de um destes grupos (FRANCO, 2015), outras vezes, os grupos estudados se enquadram em mais de uma destas categorias, como no caso dosRibeirinhos Quilombolas (A. SANTOS, SOUZA e TOZI, 2015).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Quadro 02 - Sujeitos e seus contextos espaciais nas discussões do GT

SUJEITOS	LOCALIZAÇÃO		UNIDADE ESPACIAL DE ANÁLISE
	ESTADOS	MUNICIPIOS/REGIÃO	
Indígenas	Divisa Mato Grosso/ Rondônia	Rolândia/Cacoal	Terra Indígena Sete de Setembro
	Roraima	Território Yanomani	Comunidade Cachoeirinha e Serrinha
	Tocantins	Formoso do Araguaia, Lagoa da Confusão, Pium	Ilha do Bananal
	Bahia	Banzaê	Aldeia MirandelanasTerras dos Kiriris
	Mato Grosso do Sul	Campo Grande	Aldeias urbanas
Quilombolas	Rondônia	Pimenteiras do Oeste	Município
	Pará	Distrito Juaba em Cametá	Quilombos
	Rio de Janeiro	Quatis	Quilombo Santana
	Paraná	Adrianópolis/Ponta Grossa	Quilombos São João e Santa Cruz
Pescadores	Bahia	Vera Cruz	Comunidade do Baiacu
	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Bairro Pedra de Guaratiba (Zona Oeste)
			Região Metropolitana
Faxinalenses	Paraná	São Mateus do Sul	Faxinais Emboque e Água Branca
Veredeiros	Norte de Minas Gerais	APA do Rio Pandeiros	Comunidades Amescla, São Francisco e Água Doce
Caiçaras	Rio de Janeiro	Parati	Reserva de Jatinga
Ribeirinhos	Bahia	Presidente Tancredo Neves	Riacho do Ipiranga
Populações Tradicionais (diversas)	Acre	Assis Brasil, Brasileia, Epitaciolândia, Xapuri	Região Alto Acre

Fonte: *Enanpege, 2015.*

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

As unidades espaciais investigadas, via de regra, são as próprias comunidades, seja enquanto estudos de caso (Ex. SILVEIRA, 2015), seja enquanto estudo comparativo entre comunidades (TOMASI, 2015). Trata-se, sobretudo, de microanálises. Há casos, entretanto, em que se investigam unidades espaciais mais abrangentes, no sentido que podem englobar mais de uma comunidade, como Terras Indígenas (Ex. BRITO e DIAS, 2015),Unidades de Conservação de uso sustentável (Ex. MENDONÇA e MAGALHÃES, 2015) ou regiões de planejamento (Ex. FRANCO, 2015). Contudo, há também estudos de natureza teórica, como o de Dantas (2015), que estabelece correlações entre os conceitos de territorialidade e etnicidade quilombola, e estudos de reflexão sobre o "Estado da Arte", como o de Paula (2015), sobre a pesca artesanal na geografia brasileira.

Os sujeitos marcados pela diferença étnica e de classe, todavia, extrapolam os grupos apontados no Quadro 02. As reflexões avançam para o caso de estudantes africanos em universidade brasileira (SOUZA, 2015), mulheres congolesas refugiadas no Brasil (SERRICELLA, 2015), migrantes gaúchos (COLASANTE, 2015), entre outros. As reflexões atravessam ainda o oceano, analisando sujeitos vítimas de enchentes em Moçambique (NOTICE, OLIVEIRA e TEODORO, 2015).

Os contextos ambientais e sociais analisados apresentam grande diversidade. Os grupos estudados abrangem ambientes litorâneos (C. SANTOS e SENNA, 2015), de ilhas fluviais (COSTA e RATTS, 2015), florestais (FARIAS,C. N.,SILVA e LOPES, 2015), cársticos (OLIVEIRA e TRAVASSOS, 2015), bairros rurais (A. SILVA e RISSOS, 2015), pequenos núcleos urbanos (MESQUITA e MENES, 2015), contextos metropolitanos (SOUZA JUNIOR, 2015), entre outros.

As abordagens presentes nas discussões do GT são plurais, partindo de perspectivas funcionalistas sistêmicas (Ex. FRANCO, 2015);passando por perspectivas dialéticas (Ex. ALVES, 2015); e avolumando-se nas perspectivas fenomenológico-hermenêuticas (Ex. PINHEIRO, 2005). As categorias analíticas mais presentes são: espaço (Ex. C. S. SILVA, 2005), espacialidade (Ex. MATOS, LIMA e TORRES, 2015), modo de vida (Ex. FARIAS e C. N. SILVA, 2015), neocomunidades (Ex. SILVEIRA, 2015), patrimônio cultural (Ex. SILVA e CASTRO, 2015), lugar (Ex. RAINHA e EUZEBIO, 2015), paisagem (Ex. C. SANTOS e SENNA, 2005), territorialização (Ex. MARCOS, 2015), identidade territorial (Ex. COLASANTE, 2015), território transcultural (Ex. MELO e SOUSA, 2015), etnoterritorialidade (Ex. DANTAS, 2015) edesterritorialização (Ex. SILVEIRA, 2005).

Observa-se nos trabalhos selecionados o empenho na produção de fontes primárias, visando o cruzamento com dados secundários, e também a tendência aos estudos

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

microescalares, que constroem intersecções com escalas de maior abrangência. Entre os métodos e técnicas empregados têm-se, entre outros, as entrevistas em profundidade (Ex. J. SILVA, 2015), a observação participante (Ex. RAINHA e EUZEBIO, 2015),os mapeamentos participativos(Ex. A. SILVA e RISSOS, 2015), o acompanhamento nas atividades cotidianas (Ex. FARIAS e C. N. SILVA, 2015),bem como, a transcrição de depoimentos, o registros de memórias e as narrativas (Ex. PINHEIRO, 2015). A ênfase se dá, sobretudo, em pesquisas qualitativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns desafios teóricos e metodológicos foram enfrentadosno escopo desse artigo e nos debates presentes no Grupo de Trabalho, destacando-se dois. O primeiro circunscreve-se a perspectiva teórico-conceitual frente às abordagens. O segundo se apresenta no campo metodológico-epistemológico.

Diversos estudos fazem referências aos conceitos de "modo de vida", "comunidades" e "paisagens" numa perspectiva que incorpora abordagens clássicas, tais como as de Vidal de La Blache (1995) e Max Sorre (1984). Ao mesmo tempo, os mesmos estudos incorporam conceitos como "espaço vivido" e "espaço concebido" na perspectiva de Henri Lefebvre (1991, 2001) e de outros pensadores de base marxista (THOMPSON, 1995). A junção de abordagens distintas é uma questão importante para a reflexão.

A simples adoção de um conceito ou outro, para dar base à argumentação dos resultados de pesquisas secundárias ou primárias, se for feita de forma linear e pouco crítica, acaba por produzir uma *episteme* evolucionista das narrativas dos sujeitos, incorporando isolamentos de categorias,o que já foi amplamente criticado. Esse é o caso dos conceitos de "comunidade" – como costume,já dito por Weber, 2000 ede "gêneros de vida", proposto por LaBlache (1995), por carregar consigo forte substrato do evolucionismo e do etnocentrismo europeuda era colonial. Ao realizar estudos na África e nos continentes e ilhas das Américas e Ásia- habitadas por etnias lidas na época como tradicionais e arcaicas - caberia contribuir, com seu fazer civilizatório, para a expansão do "progresso"como sinônimo de modernidade e civilidade (M. SANTOS, 2002; ELIAS, 1994; FOUCAULT, 1979; QUIJANO, 2005; MOREIRA, 2004).

A crítica de matrizes importantes da Sociologia, tais como Max Weber (1970, 2000, 2006) e Karl Marx (1989), sobre os limites do conceito de comunidade tido como lugar dos comuns, vai sendo substituída por mudanças profundas do modo de vida urbano e na expansão do capitalismo. Estas se ampliampara muito além da cidade, nos novos modos

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

de produção, nas novas racionalidades técnicas e instrumentais do capitalismo e nas novas bases técnico cientificas, quevão alterando as referencias culturais e produzindo o saber único e universal, marca da ocidentalização do mundo e das formas etnocêntricas de ler o outro (WEBER, 1970).

Como enfrentar então o dilema das formas de dominação da modernidade – cultura moderna - que está posta frente à expansão do sistema-mundo? Como compreender "modos de vida" e "comunidades" como referências epistêmicas não simplificadoras da descrição do mundo, mas assumindouma posição científico-política diante do mundo disputando sentido e projetos de visão de mundo? Esse dilema nos parece ser o grande desafio do fazer ciência no século XXI. Não há falta de base bibliográfica e referências a autores da Geografia e das ciências que dialogam com o tema da pluralidade e multidimensionalidade do Sujeito e de suas espacialidades, se levarmos em conta dois fatores: 1.A história do pensamento científico geográfico e sua relação no campo da Filosofia e das Ciências Humanas; 2. A disposição de referências bibliográficas internacionais no formato digital e virtual que permite a fluidez da informação e da comunicação no campo universitário.

No que se referea abordagens, algumas vão valorizar mais as metanarrativas, os grandes agentes produtores do espaço e as macroanálises dos fatos na escala global. Desse modo, o desafio marcado nos anos do século XX pela orientação marxista que valorizava o sujeito operário, qualificado pela venda de sua força de trabalho, pode levar em consideração, sem perder a criticidade das formas de dominação, o reconhecimento das diferentes formas e formatos identitários dos sujeitos sociais no contexto da cultura popular, conforme proposto pelo historiador Thompson (1995). Neste contexto, a luta social do sujeito inscreve-se em dois movimentos dialéticos: 1.A luta pelos direitos universais do trabalho e/ou pela dignidade humana – marco das revoluções burguesas na França e Inglaterra; e 2. As lutas pelo reconhecimento das diferenças étnicas, de gênero, de inserção desigual socialmente, bem como, as lutas pelas diferentes leituras de preservação ambiental (CASTORIADIS, 1986; TOURAINE, 1970, 1984).

É neste contexto que novos estudos geográficos (MASSEY, 2009, 2000, 1994; LIMA, 2013a, 2013b) e sociológicos (RIBEIRO, 2005, 2011; TOURAINE, 1984; BADIOU, 1994) apontam para o exercício teórico de compreender a múltipla dimensão dos sujeitos e as diferentes formas e estratégias de produção de territorialidade e de novos significados políticos aos conceitos de "identidade" e de "comunidade" (TOURAINE, 1970; JACQUES e BRITO, 2015; CERTEAU, 2009). Perde-se a inocência de compreender comunidade como o lugar dos comuns, para se tornar a construção identitária frente aos processos da dominação da modernidade e dos processos de modernização.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

O final do século XX é marcado por forte crítica à modernidade e as formas de ocidentalização e de secularização do mundo (ELIAS, 1994; MARRAMAO, 1997). Neste contexto, o modo de vida é passado e presente, é herança cultural e reformulação para viver e estar no presente e totalidade (construção) e totalização (em movimento) como anunciam Sartre (2011) e Milton Santos (1996). Acrescentamos ainda os confrontos entre as abordagens da história da Escola de *Annales*e da abordagem marxista (CARDOSO e VAINFAS, 1997) com as novas abordagens que valorizam a microhistória ou a microanálise (GINZBURG, 2001,2002, 2005; CHARTIER, 2003; REVEL,1998; POLLAK, 1989). Sobre o debate da História, a valorização das narrativas dos sujeitos, dos estudos da história oral, das formas e técnicas de registro das memórias dos sujeitos coletivos, segundo Revel (2010), não tem como finalidade abandonar os estudos dos grandes processos globais, mas ajudam a compreender nos detalhes da vida do sujeito, na análise do pesquisador, além da racionalidade da ação do objeto-sujeito em estudo, a possibilidade de abranger sentimentos, gestos e sentidos dos sujeitos muitas vezes negligenciados no texto científico (GINZBURG, 2002, 2005).

Para o campo da Geografia, o desafio do fazer científico é muito grande. No século XX, avanços importantes já foram feitos no que se refere à produção das teorias socais críticas e à superação da crença simples que caberia a Geografia descrever a superfície da Terra. O mundo já está descrito, ensinou Milton Santos (2002, 1996), foi o grande desafio dos primeiros naturalistas e dos geógrafos do século XIX. Tratava-se de representar o mundo numa folha de papel, na produção de atlas, compêndios, enciclopédias que pudessem explicar o mundo de forma sistêmica e ao mesmo tempo, valorizar as suas partes (paisagens, bairros, regiões, gêneros de vida). O marco do século XX foi, além de consolidar a primeira fase, contribuir na explicação de grandes processos e eventos: capitalismo, globalização, transnacionalização, economia-mundo, urbanização, dentre outros. No final do século XX e, principalmente nos limiares do século XXI, o debate da pluralidade do sujeito e da multidimensionalidadedo espaço, nos coloca à prova reflexiva de qual o melhor caminho a tomar.

Qual é o melhor caminho metodológico? Este é o segundo desafio que aqui se insere. O grande centro da questão hoje, e que orienta o fazer ciência, é a assimilação da problemática do objeto de estudo. Qual é a grande questão de sua pesquisa? Dependendo da problematização, pode-se partir do global para o local ou vice-versa. Não há uma escala mais importante do fenômeno. A escala mais importante do fenômeno é construída no e pelo caminho epistemológico (sentido do fazer) e pelo movimento metodológico. Os conceitos são escolhas desse movimento e não podem ser feitos *a priori* (LEFEBVRE, 1979).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

A multidimensionalidade do espaço é construída no diálogo da problemática que tem o sujeito como movimento e como responsável pela transformação (produção) do espaço. Qual é a capacidade de movimento do sujeito? Se sua inscrição espacial expressa conflitos, lutas e fronteiras, então o conceito de território (na sua versão clássica de poder e na sua versão nova referente a pertencimento e identidade, será a categoria mais apropriada à compreensão fenomênica (HAESBAERT, 2006)). Mas se a problemática do estudo faz referencia a espacialidade cultural etnográfica do viver e da arte do fazer do sujeito, os conceitos de lugar, cotidiano e espaços existenciais são mais adequados na compreensão de seus relatos, narrativas e do sentido social de suas ações (CERTEAU, 2009;MASSEY, 1994, 2000;GERMANI, 2003;C. SILVA, 2014;LÖWEN SAHR, 2011;LIMA, 2013b).

A microvida coletiva poderá se abrir para o pesquisador como uma ecologia de saberes (SOUZA SANTOS, 2010, 2002), possibilitando compreender o sentido do outro, no lugar que o outro quer dizer, um sentido antropológico que se instala por meio da alteração da metodologia que passa a incorporar os estágios de vivencia, a compreensão dos símbolos e signos do grupo, a compreensão das cartografias mentais e das cartografias das ações sociais dos sujeitos (ACSELRAD e COLI, 2008;RIBEIRO, 2013, 2011, 2005). Nesse lugar geográfico, a fenomenologia de Y. F.Tuan (1980, 1983) e/ou as contribuições filosóficas do existencialismo de Sartre (1979), bem como as provocações de Merleau-Ponty (1964, 1999), ajudam a uma reflexão sobre os novos contornos dos elos entre sujeito e Geografia do século XXI.

O desafio da Geografia do século XXI é, sobretudo, um encontro com o "oriente negado", com a proposta da complexidade e do holístico necessário para o enfrentamento dos problemas sociais, políticos, econômicos e ambientais (MORIN, 2005). Nesta proposta, não somente a incorporação da interdisciplinaridade dará conta, mas necessita-se, cada vez mais, da escuta do sujeito que fala, que sente, que pensa e que sofre. E mais do que isso, compreender os sentidos de (des)envolvimento e de outras leituras de mundo que, historicamente, foram negadas com o fortalecimento dos conhecimentos técnico-científicos e, na sua fase avassaladora dos séculos XX e XXI, distinguidos pela expansão do mercado, onde a própria ciência, produtora de conhecimentos racionais e instrumentais, torna-se mercadoria, consumidora de tecnologias e produtora de visões únicas do mundo.

A busca pela compreensão da pluralidade e da multidimensionalidade do sujeito e de suas espacialidades, neste sentido, ultrapassa os limites do trabalho temático sobre um determinado assunto, para permitir a reflexão sobre o nosso próprio fazer geográfico-filosófico, investigativo, ato de ensinar-aprender e compreender o sentido da extensão universitária. Trata-se de autoanálise coletiva do sentido epistemológico (sentido de

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

estar no mundo) e no sentido da ação efetiva no tempo presente. Afina,l qual é o papel da universidade e da ciência na sociedade do tempo presente? Ao abrirmos esse debate, torna-se possível retornarmos a reflexão já proposta por Lacoste (1997): "Para que serve a Geografia?", levando em conta novos contextos e desafios.

REFERÊNCIAS

1. ACSELRAD, Henri; COLI, Luis Régis.Disputas territoriais e disputas cartográficas. In: ACSELRAD, H. (Org.). *Cartografiassociais e território*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008, p. 13-43. (ColeçãoTerritório, Ambiente e ConflitosSociais, n. 1).
2. ALVES, Taise dos Santos. A pesca artesanal em Baiacu - Vera Cruz (BA): das contradições à produção do espaço. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6004-6013.
3. BADIOU, Alain. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1994.
4. BRITO, Nilza Bispo e DIAS, Acácia Batista. Um lugar para ficar: uma análise dos conflitos existentes nas Terras dos Kiriris - Mirandela/Banzaê – Bahia. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6138-6148.
5. CARDOSO, Ciro. F; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
6. CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
7. CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia*: Conceitos e Temas. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Cap. 3, p. 117 – 140.
8. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
9. COLASANTE, Tatiana. "O ser gaúcho" no Norte do Paraná: olhares sobre a identidade territorial dos migrantes gaúchos. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6014-6025.
10. COSTA, Kênia Gonçalves, RATTS, Alecsandro J. P. A Ilha do Bananal e o Povo Iny entre narrativas e representações cartográficas numa perspectiva intercultural. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6269-6280.
11. CHARTIER, Roger. *Formas e sentido.* Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria de Lourdes M. Matêncio. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras/ALB, 2003.
12. DANTAS, Thaís da Silva. Por uma etnoterritorialidade quilombola: intersecções entre territorialidades e etnicidades. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6187-6198.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

13. ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1994.

14. FARIAS, Geovani Gonçalves; SILVA, Christian Nunes da; LOPES, Carla Joelma de Oliveira. Modo de vida na Flona de Caxiuanã: o cotidiano da comunidade de Caxiuanã e a Estação Científica Ferreira Penna. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais*. Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6175-6186.

15. FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2011 [1979].

16. FRANCO, Alexsande de Oliveira. As populações tradicionais nos modelos de gestão territorial da Amazônia Sul Ocidental: reflexões sobre a Regional Alto Acre. In: ENANPEGE, 11., 2015, PresidentePrudente. *Anais.*PresidentePrudente: Editora UFGD, 2015, p. 6072-6081.

17. GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973, p. 14.

18. GERMANI, Guiomar Inez.Questão agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia. In: COELHO NETO, Agripino Souza; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, OnildoAraujoda. (Org.). *(Geo)grafias dos movimentos sociais.* Feira de Santana (BA): UEFS Editora, 2010, p. 269-304.

19. GERMANI, Guiomar Inez. *Terra e água:* o conflito de Itaipu. Editora da ULBRA, 2003.

20. GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira* - nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras: 2001.

21. GINZBURG, Carlo. *Relações de força*: história, retórica, prova. Trad. Jônatas B. Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

22. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

23. HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

24. HARVEY, D. *Justice, nature and the Geography of difference*. New York: Oxford, 1996.

25. JACQUES, Paola Berenstein;BRITTO,FabianaDultra.Sujeitos corporificados e corpografias urbanas: em busca de um urbanismo incorporado. SILVA, CatiaAntonia e CAMPOS, Andrelino de Oliveira. (Orgs.). *Metrópoles e invisibilidades*: Da política às lutas de sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

26. LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de géographiehumaine*. Paris: Éditions UTZ, 1995.

27. LACOSTE, Yves. *A Geografia* **:** isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**.** Campinas: Papirus, 1997.

28. LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

29. LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana do mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

30. LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal / lógica dialética*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

31. LIMA, Elias Lopes de. *Encruzilhadas geográficas*: notas críticas sobre a compreensão do sujeito em geografia. 2013.Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013a.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

32. LIMA, Elias Lopes de. O Lugar do sujeito em a Natureza do espaço de Milton Santos. Juiz de Fora: *Revista de Geografia*, Juiz de Fora, v.3, n.2, p.1-8, 2013b.

33. LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. *Geograficidades quilombolas:* estudo etnográfico da comunidade de São João, Adrianópolis, Paraná. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

34. MARCOS, Marina Cândido. Índios urbanos: estratégias de territorialização em Campo Grande/MS. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6026-6034.

35. MARRAMAO,Giacomo. *Céu e Terra*: genealogia da secularização. São Paulo: UNESP, 1997.

36. MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1989.

37. MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço:* uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

38. MASSEY, Doreen. "Um Sentido Global do Lugar". In: ARANTES, Antonio A. (Org.). O Espaço da Diferença. Campinas: Papirus, 2000, p176-185.

39. MASSEY, Doreen B.The political place of locality studies. In:MASSEY, D. *Space, place and gender*. Cambridge: Polity Press, 1994, p. 157-173.

40. MATOS, Daiana de Andrade; LIMA,Espedito Maia; TORRES,AntonioPuentes. Espacialidades, uso e gestão das águas do Riacho do Ipiranga no Município de Presidente Tancredo Neves – BA. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6222-6233.

41. MELO,Kelli Carvalho Rubia; SOUSA, Elza Martins. Antropofagia pós-moderna – os PaiterSuruí e as tecnologias do século XXI. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.*Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6035-6046.

42. MENDONÇA, Daniella Souza de; MAGALHÃES, Sandra Célia Muniz. Realidade socioeconômica e ambiental de comunidades tradicionais de Veredeiros da APA do Rio Pandeiros/Norte de Minas Gerais. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6082-6093.

43. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

44. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le Visible et l'invisible, suivi de notes de travail.*Paris: Gallimard, 1964.

45. MESQUITA, Amanda Pires de; MENES, Estevane de Paula Pontes. Relações cotidianas e modo de vida em pequenos núcleos urbanos: a Vila do Distrito de Pires Belo, Catalão (GO). In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.*Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6245-6256.

46. MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia (A Geograficidade e o Diálogo das Ontologias),*GEOgraphia,* Niterói, v.6, n. 11, p. 21-37, 2004.

47. MORIN, Edgard. *Ciência com consciência.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

48. NOTICE, Joaquim; OLIVEIRA, Jonatan Alexandre de; TEODORO, Marcelo Alves. Rebuscar a problemática do reassentamento das populações vítimas das cheias em Moçambique. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6106-6116.

49. OLIVEIRA, Isabela Fernanda Gomes; TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. A relação entre o Carste e o Congado: O exemplo da Lapa de São Bento em Paraopeba, Minas Gerais. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6117-6128.

50. PAULA, Cristiano Quaresma de. A Pesca Artesanal na Geografia Brasileira: Proposta de Constituição de uma Rede Acadêmica e Social . In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 5980-5991.

51. PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva. A aura da espacialidade quilombola: a "história-pretexto" do "ser quilombola" enquanto projeção de futuro. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 5992-6003.

52. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 3-15.

53. QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In:LANDER, Edgardo(Org.).*A colonialidade do saber:* eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.Buenos Aires:CLACSO, 2005, p.227-278.

54. RAINHA, Felippe Andrade; EUZEBIO, Rodrigo Corrêa. Lugar e cotidiano: reflexões sobre as espacialidades dos pescadores artesanais a partir de analises em torno do seu morar e dos seus saberes. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6199-6210.

55. REVEL Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação,* v. 15, n. 45,p. 434-590, set./dez. 2010.

56. REVEL, Jacques. Microanalise e construção social. In: REVEL, Jacques (Org.).*Jogos de Escalas:* a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 15-38.

57. RIBEIRO, Ana Clara T. Territórios da Sociedade: por uma cartografia da ação social. In: SILVA, CatiaAntoniada.*Território e ação social:* sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 19-35.

58. RIBEIRO, Ana Clara Torres. O desenvolvimento local e a arte de "resolver" a vida. In: LIANZA, Sidney; ADDOR, Felipe (Org.). *Tecnologia e desenvolvimento social e solidário.* Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.

59. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. RIBEIRO, Ana Clara Torres Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço- Volume 5. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, v.5. p.329

60. RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Prefácio do livro.* In: ZAOUAL, Hassan. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós global. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 3-13.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

61. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e Humanismo concreto: O mercado socialmente necessário. In: RIBEIRO, Ana Clara Torreset al. *Formas em crise*: Utopias necessárias. Rio de Janeiro: Editora Arquimedes, 2005, p.93-111.

62. RIBEIRO, Ana Clara Torres. Micro-conjuntura: uma proposta de análise da aceleração da vida urbana. *Revista de CienciasSociales,*Costa Rica, n.19, 2001, p. 94-103.

63. ROBERTSON, Roland. *Globalização:* Teoria Social e Cultura Global. Petrópolis: Vozes, 2002.

64. SANTOS, Andreia dos, SOUZA. Aldo Luiz Fernandes e TOZI, Shirley Capela. Comunidades tradicionais da Amazônia: o rio enche a vida do homem de motivações, tecendo o modo de vida regional.In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6281-6291.

65. SANTOS, Cássio Rogério Graças dos; SENNA, Cristina do Socorro Fernandes de. Análise da paisagem a partir das práticas socioculturais de comunidades tradicionais litorâneas em Quatipuru-Pará. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6281-6291.

66. SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*: Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EdUSP, 2002.

67. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

68. SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo:* Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

69. SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2011.

70. SARTRE, Jean-Paul *O existencialismo é um humanismo*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1979.

71. SERRICELLA, Giulianna Silva. As mulheres refugiadas congolesas no Rio de Janeiro: construindo novas territorialidades. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6292-6303.

72. SILVA, Amanda Cristina Alves; RISSO, Luciene Cristina. Percepção de situações de risco ambiental na área rural de São José do Rio Pardo/SP. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6094-6105.

73. SILVA, CatiaAntoniada. Elementos epistemológicos e metodológicos para uma geografia das existências. In: SILVA, CatiaAntoniada. (Org.). *Pesca artesanal e produção do espaço:* desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

74. SILVA, Cintia dos Santos Pereira da. Os YawaripëYanomami e seus processos de resistência: do híbrido a análise socioespacial frente a intrusão de materialidades em seu território. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6234-6244.

75. SILVA, José Carlos da; CASTRO, Bernadete Ap. Caprioglio de. Patrimônio cultural, expropriação e turismo: a Reserva da Juatinga e as comunidades tradicionais. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6161-6174.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

76. SILVA, Wagner da; FÖETSCH, Alcimara Aparecida. Comunidades tradicionais e perspectivas atuais em São Mateus do Sul – PR: uma análise a partir das ferramentas qualitativas. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6047-6058.

77. SILVEIRA, Aline da Fonseca Sá e. O processo de desterritorialização do Quilombo Santana, Município de Quatis – RJ. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6149-6160.

78. SORRE, M. A noção de gênero de vida e sua evolução. In: MEGALE, J. F. (Org.).*Max. SORRE:* Geografia, Rio de Janeiro: Editora Ática, 1984, p. 99-123.

79. SOUZA JUNIOR, Luis de. Relações entre cultura, mercado e espaço: limites e possibilidades do circuito de pescado em contextos urbano-metropolitano fluminense. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6257-6268.

80. SOUZA SANTOS, Boaventura de. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In:SOUZA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

81. SOUZA SANTOS, Boaventura de. Para uma Sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciencias Sociais*, Coimbra, n.63, p. 237-280, 2002.

82. SOUZA, Lorena Francisco de. Migração e identidade racial: experiências de jovens estudantes luso-africanos em Universidades Goianas. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6129-6137.

83. THOMPSON,Edward Palmer. *Costumes em comum*: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras,1995.

84. TOMASI, Tanize Alves. Processos regionalizadores cotidianos: estudo comparativo entre quilombolas de São João e Santa Cruz - PR. In: ENANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. *Anais.* Presidente Prudente: Editora UFGD, 2015, p. 6059-6071.

85. TOURAINE, Alain. *Le retour de l'acteur.*Essai de sociologie.Paris: LibrairieArthèmeFayard, 1984.

86. TOURAINE, Alain. *Sociedade pós-industrial*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

87. TUAN. Yuan. F. *Espaço e Lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.

88. TUAN. Yuan. F. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, Difel, 1980.

89. WEBER, Max. *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais*. São Paulo: Ática, 2006.

90. WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UNB, 2000.

91. WEBER, Max. *Ciência e Política:* duas vocações. São Paulo: Editora Cultrix, 1970

92. ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais:* uma introdução ao pensamento pós global. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Artigo recebido em 30 de março de 2016.
Artigo aceito em 30 de abril de 2016.